UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE BELAS ARTES

Programa de Pós-graduação em Artes

José Carlos Nunes da Cruz

CESTARIA XAKRIABÁ: ARTE, IDENTIDADE E OS CAMINHOS POSSIVEIS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDIGENA XAKRIABÁ

Belo Horizonte
2023

José Carlos Nunes da Cruz

CESTARIA XAKRIABÁ: ARTE, IDENTIDADE E OS CAMINHOS POSSIVEIS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDIGENA XAKRIABÁ

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de concentração: Ensino-Aprendizagem em Artes

Orientadora: Profa. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel

Belo Horizonte
2023

Ficha catalográfica
(Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG)

707
C957c
2023

Cruz, José Carlos Nunes da, 1983-
Cestaria Xakriabá [recurso eletrônico] : arte, identidade, e os caminhos possíveis na educação indígena Xakriabá / José Carlos Nunes da Cruz. – 2023.
1 recurso online.

Orientadora: Lucia Gouvêa Pimentel.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.
Inclui bibliografia.

1. Arte – Estudo e ensino – Teses. 2. Cestaria – Técnica –Teses. Indíos Xakriabá – Teses. 4. Indígenas – Educação – Teses. I. Pimentel, Lúcia Gouvêa, 1947-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Anderson Moraes Abreu – Bibliotecário – CRB-6/2562

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

Folha de Aprovação

Assinatura da Banca Examinadora na Defesa de Dissertação do aluno **JOSÉ CARLOS NUNES DA CRUZ** - Número de Registro **2021719043.**

Título: **"CESTARIA XAKRIABÁ: ARTE, IDENTIDADE E OS CAMINHOS POSSÍVEIS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA XAKRIABÁ"**

Profa. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel – Orientadora – EBA/UFMG

Profa. Dra. Jenny Gregoria González Muñoz – Titular – UFMG

Prof. Dr. Tales Bedeschi Faria - IFMG

Prof. Ms. Vanginei Leite Silva (Nei Leite Xakriabá) - Titular - Povo Xakriabá

Belo Horizonte, 27 de outubro de 2023

sei! assinatura eletrônica	Documento assinado eletronicamente por **Lucia Gouvea Pimentel**, **Professora Magistério Superior - Voluntária**, em 30/10/2023, às 09:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

sei! assinatura eletrônica	Documento assinado eletronicamente por **Jenny Gregoria Gonzalez Munoz**, **Professora do Magistério Superior - Visitante**, em 30/10/2023, às 10:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

	Documento assinado eletronicamente por **Tales Bedeschi Faria**, **Usuário Externo**, em 30/10/2023, às 20:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

	Documento assinado eletronicamente por **Vanginei Leite Silva**, **Usuário Externo**, em 01/11/2023, às 08:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

	Documento assinado eletronicamente por **Mariana de Lima e Muniz**, **Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 05/11/2023, às 14:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

	A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2756933** e o código CRC **27E3F92B**.

Agradecimentos

Agradecer ao povo Xakriabá pela luta e resistência; à organização interna (Caciques e lideranças), que lutam pela melhoria das condições de vida do povo, e pela efetivação dos nossos direitos, em especial à liderança do Sumaré 3, Welinton, ao Cacique João e ao Pajé Deda, pelo apoio e contribuição na realização deste curso.

À minha família pai, mãe, irmãos, esposa e filho pelo apoio e incentivo. Aos amigos, pais, professores, alunos, direção das escolas Bukinuk e Kuiro Pte, juntamente com as lideranças que têm participação ativa dentro das escolas e contribuem para o seu desenvolvimento.

À minha orientadora pela paciência e acolhimento nesta jornada. Aos artistas/artesãos Xakriabá que contribuem com suas artes, ao mesmo tempo que compartilham saberes.

A todos os guerreiros que tiveram suas vidas interrompidas na luta pela terra, mas estão presentes na memória do povo Xakriabá.

RESUMO

A pesquisa que resultou nesta dissertação se desenvolveu no Território Xakriabá, Município de São João das Missões-MG, tendo como base as descrições de experiências no âmbito da educação escolar indígena Xakriabá, na condição de professor/pesquisador de Arte e Cultura Xakriabá, e em outros momentos da formação escolar fora do Território. Apresenta-se o contexto histórico do Território Xakriabá e das aldeias onde foram realizadas as observações, pois a cestaria faz parte das práticas tradicionais que estão em processo de desuso. São debatidas as possibilidades de como a educação escolar indígena Xakriabá pode contribuir para o fortalecimento da cestaria Xakriabá e de outros fazeres que estão ligados a ela. São evidenciadas as tensões das práticas tradicionais diante dos desafios e mudanças da contemporaneidade no ensino/aprendizagem e do formato escolar que, muitas vezes, é fechado em disciplinas estanques. É feita a descrição dos processos de fazer cestaria, evidenciando os modos particulares de fazer, usando algumas peças tradicionais como referências, destacando os materiais que fazem parte do Território e são usados para sua confecção, e as formas de manejo. A intenção é dar base para a produção de materiais didáticos que considerem a interdisciplinaridade das práticas artísticas da cestaria, para uso em escolas.

Palavras chave: Cestaria Xakriabá; Artes; Ensino/aprendizagem de Arte.

RESUMEN

La investigación que dio lugar a esta tesis se desarrolló en el territorio Xakriabá, Municipio de São João das Missões-MG, a partir de descripciones de experiencias en el ámbito de la educación escolar indígena Xakriabá, como docente/investigador del Arte y la Cultura Xakriabá, y en otros momentos de la formación escolar fuera del territorio. Se presenta el contexto histórico del territorio Xakriabá y los pueblos donde se realizaron las observaciones, ya que la cestería es parte de prácticas tradicionales que se encuentran en proceso de quedar en desuso. Se discuten las posibilidades de cómo la educación escolar indígena Xakriabá puede contribuir al fortalecimiento de la cestería Xakriabá y otras actividades que se vinculan a ella. Las tensiones de las prácticas tradicionales se ponen de relieve frente a los desafíos y cambios contemporáneos en la enseñanza/aprendizaje y el formato escolar, que a menudo está cerrado en disciplinas aisladas. Se describen los procesos de elaboración de cestería, resaltando las formas particulares de elaborarlas, tomando como referencia algunas piezas tradicionales, destacando los materiales que forman parte del territorio y se utilizan para su elaboración, y las formas de manejo. La intención es brindar una base para la producción de materiales didácticos que consideren la interdisciplinariedad de las prácticas artísticas de la cestería, para su uso en las escuelas.

Palabras clave: Cestería Xakriabá; Arte; Enseñanza/aprendizaje del arte.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1-Mapa do Território Xakriabá..... 11
Figura 2- Aula de Arte - Aldeia Caraíba, 2022..... 26
Figura 3 - Cestarias - ATL 2023 - Figura 4 - Bolsa Kanela Ramkokamekrá..... 29
Figura 5- Cana Brava, Aldeia Sumaré 3 31
Figura 6 - Buriti, Aldeia Peruaçu Figura 7- Buriti, Aldeia Dizimeiro 32
Figura 8 - Croata Figura 9 -Croata 33
Figura 10 - Tirando seda da croata..... 33
Figura 11 - Coquinho azedo..... 34
Figura 12- Pajé Deda trançando com folha de coquinho 34
Figura 13- Tucum do cerrado..... 35
Figura 14-Esteira feita com Buriti. Laurinda Xakriabá, Aldeia Várzea Grande..... 36
Figura 15- Preparo das talas..... 38
Figura 16- Esquema: trama da peneira 39
Figura 17- Peneira para fubá..... 39
Figura 18- Base arredondada do cesto 40
Figura 19- Trançado quadrado um por um, do corpo do cesto ou balaio 40
Figura 20- Base quadrada do balaio Figura 21 - Balaio..... 41
Figura 22- Trama espinha de peixe da base de cestos, em papel quadriculado..... 42
Figura 23 - Cesto cru (sem tingimento) Figura 24-Trama espinha de peixe 42
Figura 25- Base de trama espinha de peixe, tingida com anilina Figura 26- Cesto de trama espinho de peixe 42
Figura 27- Trama espinha de peixe Figura 28- Cesto com trama espinha de peixe..... 43
Figura 29 - Cacique João tecendo o tapiti..... 45
Figura 30 - Tapiti feito pelo Sr. Jorge, Aldeia Peruaçu 46
Figura 31 - Cacique João tecendo tapiti, Aldeia Sumaré 3..... 47
Figura 32 - Uru feito com palha de coquinho azedo..... 48
Figura 33- Pajé Deda Xakriabá tecendo chapéu 49
Figura 34- Oficina. Aldeia Barreiro Preto 50
Figura 35- Oficina. Aldeia Barreiro Preto .....**Erro! Indicador não definido.**
Figura 36- Oficina. Aldeia Sumaré 2 Figura 36- Patrícia Xakriabá, Aldeia Sumaré 2..... 52

Sumário

1-INTRODUÇÃO *6*

1.1 Trajetória na educação escolar indígena **6**

1.2 A escola Xakriabá e as aldeias em processo de retomada **8**

2-ARTE INDÍGENA *12*

2.1 Arte indígena: fortalecendo a identidade **12**

2.2 A cestaria e a Arte indígena Contemporânea **12**

2.3 A cestaria Xakriabá **13**

3-ARTE INDÍGENA NA ESCOLA *17*

3.1 Educação escolar e o ensino da arte **17**

3.2 Material didático específico **19**

4-EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA *22*

4.1 Experiências na Educação escolar **22**

4.2 Arte/cestaria na Escola Indígena Xakriabá **24**

4.3 Caminhos da aprendizagem **27**

5. ALGUNS MATERIAIS *30*

5.1 Oficinas **43**

6-ALGUMAS CONCLUSÕES *53*

7-REFERÊNCIAS *56*

1-INTRODUÇÃO

1.1 Trajetória na educação escolar indígena

Meu nome é José Carlos, conhecido como Carlim, sou do povo Xakriabá do Norte de Minas Gerais, moro na Aldeia Sumaré 3, sou casado, pai, artista/artesão e atuo como professor no ensino médio da Aldeia Sumaré 2, onde trabalho com as disciplinas Matemática e Arte. Durante minha trajetória de vida estive em diversos lugares entre a aldeia e a cidade, tive minha formação escolar toda ela na escola não indígena, na cidade vizinha de Itacarambi, e ensino médio em escola do interior de São Paulo, no EJA. Passei a maior parte da minha infância e adolescência fora da aldeia, por conta da migração dos meus pais à procura de trabalho, retornando em definitivo para a aldeia no início dos anos 2000, onde vivo hoje. Nessa mesma época do retorno ao Território, as idas e voltas eram constantes em busca de trabalho temporário em outros estados.

A primeira experiência como professor na escola indígena aconteceu em 2009, para trabalhar com ensino fundamental na aldeia Custódio, que fica a seis quilômetros da aldeia onde moro. Em seguida, no ano de 2010, passei a trabalhar com ensino médio na aldeia Sumaré 1, mesmo ano em que ingressei na Licenciatura Intercultural para Educadores Indígenas FIEI/UFMG onde, por ser um curso específico para indígenas e com uma metodologia de escuta e participação na construção dos conteúdos tendo como base as necessidades das comunidades, tive a oportunidade de maior entendimento sobre a educação escolar indígena e suas possibilidades de desenvolver o trabalho na escola de maneira mais fluente dentro da realidade da comunidade.

O curso funcionava por módulos e intermódulos (realizados dentro do Território), o que dava a condição de continuar com o trabalho e o curso simultaneamente; a atuação como professor foi interrompida em 2013 e a licenciatura concluída em 2014. Durante três anos fui trabalhar em outro estado, prestando serviço em rede de supermercado, período em que realizei o curso técnico na área de meio ambiente, retornando ao Território em 2017.

Meu trabalho com a cestaria é a realização de um desejo antigo em aprender e praticar a “arte tradicional”. Desde os primeiros olhares curiosos sobre as peças que tive acesso ainda quando criança, dentro da aldeia e fora dela, em uma das minhas andanças em outro estado tive a oportunidade de ver como se fazia o balaio de milho com talas de bambu, que ainda hoje é

bastante usada no interior de São Paulo, porém nunca tive como praticar efetivamente e dar continuidade ao trabalho. Durante a permanência na escola indígena como professor sempre senti a falta dessas práticas na escola, em especial no ensino médio, com exceção da cerâmica, pois o professor de arte da época levava o material (barro) e fazia suas aulas práticas na escola.

Foi a educação escolar que, a partir de 2018, me fez buscar a retomada da prática de fazer a cestaria juntamente com a pesquisa dentro da aldeia, com conversas que me levaram a conhecer as pessoas que faziam peças e que atualmente não as fazem. Com esse início de retomada teve muita importância o contato com as pessoas que faziam cestaria, principalmente no que diz respeito a conhecer a diversidade de matéria prima que poderia ser usada para a prática. A partir delas pude ter as informações e fazer a busca de campo e, como consequência, fazer uso desses materiais.

Durante as aulas de práticas culturais do ensino médio, percebi a necessidade real dessas práticas. A escola tem aulas de 50 minutos semanais, mas que são irrelevantes para atender aos alunos, levando em conta pensar que teoria e prática se complementam no processo de aprendizagem.

No ano de 2019, ingressei na escola Bukinuk para trabalhar como professor de Cultura (Cultura, Arte, Literatura Xakriabá e Interculturalidade), quando tive a oportunidade trabalhar arte com maior efetividade, aprendendo com os alunos, professores e, principalmente, com artistas/artesãos que contribuíram com algumas oficinas de cerâmica, cocares e adornos em madeira e osso. Com o decorrer do trabalho fui tendo a percepção da importância do tempo nas práticas de fazer a cestaria, da importância dele para coletar os materiais, manusear, aprender e reaprender com as tentativas. Entre corte nos dedos e o desperdício de matéria prima, sempre vêm os avanços decorrentes da prática.

Com a chegada da pandemia e a paralisação das escolas, juntamente com o receio da contaminação do vírus dentro da comunidade, dei início à intensa relação com a prática de produzir peças, pois, de alguma forma, o isolamento tinha chegado e se fazia necessário no momento. Durante esse período veio o contato maior com a família, mas também um maior tempo de uso dos aparelhos eletrônicos, principalmente o celular, que também se transformou em ferramenta de pesquisa e trabalho remoto na escola; houve as interações que tive com outras pessoas das comunidades, visando repassar os aprendizados que construí para outras pessoas que têm interesse em aprender e que, assim como eu, não tiveram essas práticas presentes no cotidiano. Passei a fazer algumas oficinas em outras comunidades para repassar o pouco que aprendi e ao mesmo tempo aprender por meio desses momentos de interação.

As dúvidas relacionadas à condução das aulas e ao preparo para o trabalho na escola contribuíram para o desejo de fazer um estudo com maior profundidade na área de Artes a partir dos conhecimentos construídos ao longo do tempo como professor/pesquisador dentro da aldeia. Com ingresso do parente Nei Xakriabá no curso de mestrado em 2020, com quem tinha e tenho contato regularmente, me veio o incentivo da parte dele para tentar fazer o Mestrado em Artes na EBA/UFMG.

Pensei primeiramente em algumas questões: qual seria a contribuição para a comunidade ao realizar essa formação? Com o trabalho de dissertação eu poderia fazer as informações circularem de maneira ativa dentro das escolas Xakriabá? Meu pensamento era de que o trabalho realizado não apenas pode servir para a diplomação ou certificação, mas também para seu uso dentro da comunidade escolar e para contribuir como pensamento crítico. Incentivar e contribuir para elaboração dos materiais de apoio pedagógicos em Arte foi uma das premissas do trabalho, considerando que os materiais didáticos (em especial os livros) disponibilizados pelas secretarias de educação não atendem as demandas de ensino/aprendizagem que a educação escolar indígena almeja suprir em suas práticas. Para isso, foi preciso investigar a cestaria tradicional Xakriabá e seus deslocamentos na arte e na cultura indígena.

1.2 **A escola Xakriabá e as aldeias em processo de retomada**

As aldeias Caraíba e Várzea Grande estão situadas entre as aldeias Sumaré 3 e Peruaçu, próximo do antigo limite demarcatório do Território Xakriabá, onde vivem cerca de 180 famílias Xakriabá. As comunidades vivem basicamente do plantio de roças, criação de animais de corte, extrativismo e do trabalho temporário no Sul de Minas Gerais, e em outros estados como, por exemplo, São Paulo e Mato Grosso. No ano de 2006 deu-se o início dos estudos de ampliação do Território, que foi concluído em 2010; desde então o povo Xakriabá vem reivindicando a ampliação do Território que, até setembro de 2023, ainda não foi regularizada. No ano de 2013, após várias reuniões no Território, se deu início ao processo de retomada de parte da terra nas aldeias Caraíba e Várzea Grande, com ocupação do espaço da chamada "Fazenda São Judas Tadeu". Durante esse período de ocupação as escolas também se fizeram presentes no espaço da retomada, envolvendo diversas atividades, como reuniões, oficinas e palestras com lideranças, momentos esses concebidos como parte do processo de aprendizagem. Porém, a Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, não reconheceu

essa participação como parte do processo de aprendizagem dos alunos, como descreve Silva (2022), sobre o envolvimento da escola na retomada.

> Como, por exemplo, o ocorrido no ano de 2013, quando houve a retomada da fazenda São Judas Tadeu na comunidade de Caraíbas e foi decido que todas as escolas Huminixã se envolvessem na retomada. Comunidade, pais, alunos, professores lideranças e caciques acamparam na sede da fazenda. Todos os dias havia muitas trocas de conhecimentos: reuniões, rituais, pinturas corporais, depoimentos dos dasiwawë sobre a luta pela primeira demarcação do Território e a chacina de 1987. Os alunos estavam aprendendo na prática a lutar pelos nossos direitos sobre a tka. Nesse período houve bloqueio das principais entradas para as aldeias, pois havia muitas ameaças. Todas as pessoas do Território estavam envolvidas na luta, porém a Secretaria Regional de Educação - SRE e a Secretaria Estadual de Educação – SEE classificaram o envolvimento das escolas nessa luta pela tka como greve. Os professores tiveram seus salários suspensos e tiveram que repor esses dias letivos no final do ano. Hoje esse trecho de tka já está reconhecido como tka indígena, mas ainda não foi homologado. (Silva, 2022, p. 122)

Desde então a luta pela terra vem se estendendo até setembro de 2023, em meio a conflitos com não indígenas que não reconhecem aquele Território com pertencente ao povo Xakriabá, principalmente das duas comunidades que dividem o Território com não indígenas e que continuam resistindo às dificuldades na relação de convívio e discriminação sofridas ao longo do processo. Os indígenas das aldeias têm seguido a organização interna Xakriabá, escolhendo suas Lideranças e tendo um Cacique que represente cada povo.

No ano de 2018, com a necessidade de uma escola para atender aos alunos indígenas das duas aldeias que estudavam na escola do Município de Itacarambi localizada na aldeia Várzea Grande, foi criada a escola indígena na Aldeia Caraíba, vinculada à Escola Estadual Bukinuk, da Aldeia Sumaré 1. O processo de criação teve bastante obstáculos, por conta da burocracia imposta pela Superintendência Regional de Ensino - SRE de Januária e pela própria situação da regularização do Território. A escola das aldeias Caraíba e Várzea Grande foi instalada no local onde, antes da retomada, funcionava a sede da fazenda, sendo que alguns espaços que antes eram usados como depósitos de insumos e garagem de tratores, passaram a ser usados como sala de aula. Esses espaços foram reformados pela comunidade e pelos professores que iriam assumir os cargos. Desde 2023 a escola conta com servidores e alunos vinculados à Escola Estadual Indígena Bukinuk, todos os oriundos das comunidades. A escola funciona em três turnos e atende ao ensino fundamental dos anos iniciais e finais, o ensino médio e a Educação de Jovens e Adultos.

O trabalho na escola, como professor de Cultura, tem sido realizado com objetivo principal de incentivar as práticas culturais que são de costume da comunidade e que vêm sendo deixadas ao longo do tempo, usando a prática como elemento principal orientador do trabalho, a história de luta do povo Xakriabá pela sobrevivência dentro do Território, a partir dos livros

publicados, como “ O tempo passa e a história fica”, que traz as histórias contadas por quem vivenciou parte desse período, mas também com eventos com participação de lideranças e pessoas mais velhas para contar essas histórias que, devido às mudanças de costumes que vêm ocorrendo ao longo do tempo, não são transmitidas com frequência nas comunidades.

Os conteúdos são abordados de acordo com a disponibilidade dos materiais para se trabalhar, levando em conta principalmente o tempo de cada material, mas também há conteúdos/práticas que são frequentes durante todo ano letivo, como pintura corporal, cantos e jogos tradicionais. A contextualização dos conteúdos é feita por meio da pesquisa e mapeamento da matéria prima dentro das aldeias, numa tentativa de fazer com que os alunos tenham a percepção e estabeleçam uma melhor relação com Território na perspectiva de valorização e recuperação desses costumes que estão sendo perdidos, juntamente com parte dos conhecimentos tradicionais do povo.

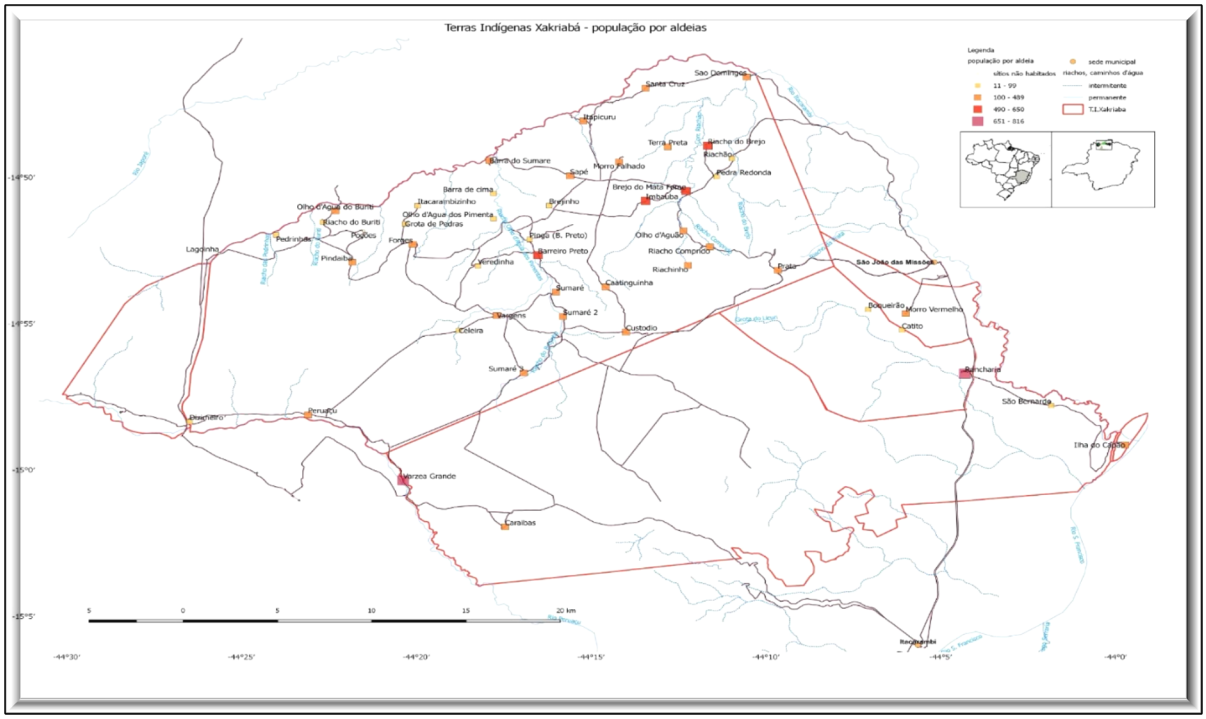
Antes da implantação das escolas indígenas, a educação escolar no Território Xakriabá funcionava de maneira informal, com os pais que podiam pagar alguma pessoa da comunidade que tinha algum conhecimento da escrita para o ensino em casa; os que não tinham recurso ficavam sem estudar e faziam o trabalho da roça junto aos pais para o sustento da família. Nos anos 1980 começou a implantação de escolas no Território Xakriabá, ainda com muitas dificuldades, com professores não indígenas e alguns indígenas que logo após seriam dispensados e recontratados na função de serviçais. Essas escolas funcionavam pelo município vizinho Itacarambi; logo após veio a funcionar a escola federal implantada pela Fundação Nacional Indígena - FUNAI, hoje Fundação Nacional dos Povos Indígenas. Os povos indígenas do estado de Minas Gerais também tiveram participação no movimento de reinvindicação e implantação das escolas e nas discussões sobre a implantação das escolas indígenas que estava sendo feita em nível nacional nos anos 1990.

A Educação Escolar Indígena teve seu início no Território Xakriabá no ano de 1995, com os indígenas assumindo a escola e os cargos, substituindo os professores vindos dos municípios vizinhos. Desde então a educação escolar Xakriabá vem se fortalecendo por meio da participação das comunidades e da organização interna do povo, juntamente com a formação de professores no magistério indígena e com os cursos de formação intercultural na universidade. A educação escolar Xakriabá hoje funciona com 11 escolas sedes e com subsedes nas aldeias próximas; entre elas está a escola Bukinuk, escola que tem sua sede na Aldeia Sumaré 1. Até o início do ano de 2023, a Aldeia Sumaré 1 funcionava com mais cinco escolas vinculadas a ela, com dificuldades para atender de forma adequada a todas as escolas - a sede

e as escolas vinculadas. Houve, então, algumas tentativas de desvincular algumas escolas, até que, ao final de 2022, foi autorizada a criação de uma nova escola nas Aldeias Sumaré 2 e 3, a Escola Estadual Indígena Kuiro Pte. A criação se deu na perspectiva de melhorar o atendimento aos alunos e dos funcionários na organização administrativa e pedagógica.

Durante o processo recente de luta do povo Xakriabá pela terra, garantia e manutenção dos direitos constituintes e com implantação das escolas no Território, vem ocorrendo o movimento de conscientização dos processos de enfraquecimento e até mesmo de perda de várias práticas culturais. Com contato de mais de 300 anos com a sociedade não indígena, as mudanças são constantes e o movimento de fortalecimento da cultura e memória também se faz presente. Com uma área demarcada de aproximadamente 54 mil hectares, em sua maior parte no ano de 1979 e homologada em 1987, após o assassinato de três indígenas, entre eles o vice-cacique Rosalino, ocorrido no mesmo ano, e com população de aproximadamente 4.000 indígenas na época, a área demarcada continua a mesma, porém com uma população três vezes maior, com cerca de 12.000 indígenas vivendo no mesmo espaço. Do Território tradicionalmente ocupado, que fazia limite com as margens do rio São Francisco, onde atualmente está situada a cidade de Itacarambi, o povo Xakriabá foi obrigado a se afastar das margens do Rio São Francisco, ocupando apenas um terço do seu Território tradicional. Desde então a reivindicação e luta pela terra é precursora da vida social e política do povo Xakriabá.

Figura 1-Mapa do Território Xakriabá



Fonte: O tempo passa, a história fica. vol. 2.

2-ARTE INDÍGENA

2.1 Arte indígena: fortalecendo a identidade

Não poderia de maneira alguma abordar as questões identitárias sem falar dos apagamentos ocorridos ao longo do tempo. Desde a invasão do Brasil, os povos indígenas tiveram sua identidade forjada à integração nacional, passando por guerras e massacres que afetaram diretamente na perca parcial de elementos identitários, por causa dos diversos ataques sofridos. Um dos ataques mais duros é a questão da extirpação da língua materna, seguida de estereótipos que nos circundam, de maneira velada ou explícita. O povo Xakriabá, como outros povos (em várias partes do Brasil), têm um histórico de resistência muito grande na questão identitária. Entre as diversas formas de resgate e fortalecimento da identidade do povo estão os costumes e tradições relacionados aos modos de fazer, produzir e construir relações entre indivíduos, e as materialidades, que são essenciais para retomar a autonomia que nos faça ser autossuficientes, ou pensar em alternativas que nos aproxime destas.

Desse modo, a arte indígena - entendida como conjunto diversas manifestações culturais - pode ser como uma flecha que mira o despertar para as questões que carecem uma maior atenção. Fazer um trabalho de resgate na comunidade onde moro não seria possível sem o sentimento que me traz a este lugar, o pertencimento de relação com práticas que somente tive acesso através da memória e das histórias contadas por tios e primos, juntamente com o pouco tempo com meus avôs. Portanto, revisitar essas práticas não significa estar preso ao passado, mas estar ciente de que ela nos orienta ao caminho que escolhemos seguir.

2.2 A cestaria e a Arte indígena Contemporânea

Muito pouco se ouvia falar em arte indígena. Os povos indígenas, durante muito tempo, foram tratados como objetos de estudo, fazendo com que suas práticas artísticas do cotidiano fossem vistas como algo exótico. As maneiras de produzir conhecimento e de viver dentro dos Territórios, com as diversas visões de mundo, fazem com que arte indígena seja indissociável da vida cotidiana e espiritual dos povos, e que, muitas das vezes, não seja uma arte para ser comtemplada e muito menos exposta. No entanto, com recente ocupação de alguns artistas indígenas em espaços importantes no cenário da arte, a arte indígena começou a ganhar maior visibilidade.

A cestaria, classificada por muitas pessoas como artefato ou artesanato, refere-se a objetos de uso cotidiano na lida do fazer, no preparo e armazenamento de alimentos ou uso pessoal para carregar pertences. A cestaria, para o sistema da arte, não foi considerada como prática artística; em consequência, quem produz essas peças é chamado de artesão, sendo este um termo também usado por alguns povos que incorporaram esse conceito para sobreviver no mercado não indígena. Contrapondo o olhar preconceituoso e reducionista, a cestaria faz parte da arte indígena contemporânea como uma arte milenar que transpassa a linha do tempo e é repassada de geração em geração como prática que produz conhecimentos técnicos no seu fazer, mas também produz ciências e fortalece o vínculo com Território, por carregar histórias e memórias de cada povo.

Pensar em uma prática artística que seja tão antiga e disseminada entre grupos que sempre viveram à margem da sociedade, como indígenas e quilombolas, talvez seja impensável para o sistema de arte ocidental, que evidencia a necessidade de destaque individual condicionada a um fazer supostamente autônomo, distante de um pensamento coletivo. Ao fazer uma peça, as técnicas utilizadas podem obedecer a padrões ou percorrer caminhos parecidos no percurso, mas não são os mesmos; cada indivíduo que detém essas técnicas não as executa com o mesmo sentido, o que faz com que cada peça tenha suas particularidades. Desde o primeiro momento em que o grupo ou indivíduo decide fazer uma peça, ele se utiliza de uma série de conhecimentos construídos ao longo do tempo pelo seu povo e que se revela uma grande interação com o ambiente que o cerca, que não está somente em extrair a matéria-prima, sendo também uma prática que desperta a criatividade.

2.3 A cestaria Xakriabá

A arte Xakriabá tem ganhado visibilidade nos últimos anos, com o trabalho de artistas locais que estão engajados na luta do povo Xakriabá e que, por meio dos seus trabalhos, têm ganhado um maior destaque no cenário da arte. Entre eles destaco Edgar Kanaikõ que, por meio da fotografia, captura imagens de aspectos culturais e da vida do povo Xakriabá, e Nei Leite Xakriabá, artista ceramista e professor indígena, que faz um trabalho de resgate da cerâmica tradicional Xakriabá dentro do Território, com foco na educação escolar, e é também um dos idealizadores da AIAX- Associação Indígena dos Artesãos Xakriabá que atua dentro do Território. Ambos são egressos da UFMG. Os trabalhos de Edgar e Nei, cada um ao seu modo, carregam um caráter de engajamento e ativismo na luta social política dos povos

indígenas, que têm inspirado os jovens a buscar o protagonismo e espaço dentro do contexto de luta do povo.

A cestaria Xakriabá sempre esteve presente na vida do povo Xakriabá e tem como principal característica o uso nos afazeres das comunidades, na coleta, colheita e processamento dos alimentos, na sua relação com a natureza. A relação com o Território e modos de aprendizagem das comunidades são fatores relevantes para identificar as matérias-primas que são usadas na produção dos objetos. O clima semiárido da região, que historicamente é marcada por um maior período de seca (com pouca chuva), tem na sua vegetação nativa algumas particularidades que condicionam a produção da cestaria dentro das comunidades, assim como em outras regiões de biomas diversos.

A matéria-prima encontrada pode ser de espécies cultivadas ou próprias da região. Fazendo um recorte da história recente a partir dos anos 1980, são claras e evidentes as mudanças nos costumes do povo Xakriabá, coincidindo com o aumento da população, apontando uma considerável diminuição de espécies de fibras naturais - como Buriti, Cipó e Cana brava usadas na produção da cestaria -, advinda das mudanças climáticas e, em alguns casos, de acidentes com fogo. Essa constatação leva a repensar o nosso modo de vida dentro do Território diante das ameaças que impactam as matas e as possíveis intervenções, que caminhe com propósito de manutenção do bioma e, consequentemente, para fortalecimento das nossas práticas artísticas/culturais.

Pensar em preservação ambiental - que é uma das discussões da contemporaneidade em todo o mundo - sem considerar as terras indígenas como de grande importância para manutenção da flora e fauna, é fechar os olhos para a realidade, pois as mudanças climáticas estão cada vez mais severas e caminha a passos largos para o caos. Pensar o meio ambiente como parte de nós é um dos discursos que mais tem se repetido, mas ao mesmo tempo a negação dos direitos territoriais de quem comprovadamente mais protege os diversos biomas do Brasil se faz presente, através dos Projetos de Lei - PLs, Projetos de Emenda à Constituição - PECs e tantos outros projetos que tramitam contra a demarcação de terras indígenas. Por sua vez, a arte indígena, que tem caráter ativista, contribui de maneira significativa para chamar atenção do mundo para a importância do cuidado com a terra e pelas vidas presentes em seu corpo.

Cestaria e trançado a partir das fibras naturais extraídas dentro do Território revelam em seus processos a interação do indivíduo com a natureza, que precede o trabalho manual e imerge no campo da imaterialidade, onde o objeto carrega não somente os frutos e frutas da

terra, mas também histórias e saberes que estão implícitos no sistema de troca e compartilhamentos próprios da comunidade na qual essas práticas estão presentes.

Fazendo um recorte dos últimos 20 anos (2003-2023), pude constatar que as práticas de fazer a cestaria tradicional nas aldeias passam por um processo de "adormecimento", pois parte das pessoas que são guardiãs do conhecimento de fazer a cestaria tradicional deixaram de produzir, o que dificulta a transmissão desses conhecimentos dentro das comunidades, fazendo com que parte deles se percam ao passar do tempo. A educação escolar tem feito um papel importante no sentido de resgatar essas práticas culturais, principalmente por meio dos professores de Cultura, que trabalham diretamente com resgate e práticas culturais dentro das escolas. Falar da cestaria Xakriabá é falar em arte, tecnologia, cultura, meio de vida e autonomia nas comunidades.

Durante muito tempo o povo Xakriabá foi obrigado a deixar de viver sua cultura de maneira plena dentro do Território por conta das violências sofridas, invasões e violações direitos; nesse processo, os meios de sobreviver sofreram mudanças ao longo do tempo, em que certas atividades passaram a dar lugar a outras, que passaram a fazer parte do cotidiano das comunidades e que acabam por fazer com que o uso e, consequentemente, o fazer sejam levados ao lugar de esquecimento. As práticas de plantio de roças se fazem presentes na maioria das famílias Xakriabá; o milho, o feijão e a mandioca são os principais alimentos produzidos, e todos eles fazem uso da cestaria em seu manejo, porém, boa parte das famílias tem feito o uso de outras objetos em substituição à cestaria tradicional, seja por falta de quem os faça na comunidade ou pela por encontrar outros objetos industrializados de fácil acesso.

Dos artistas/artesãos que produzem peças de cestaria, alguns poucos ainda as fazem em suas comunidades, mas de maneira discreta e de pouca circulação, o que torna difícil saber quem são e onde estão. A grande maioria das artes feitas no Território são também formas de complemento ou fonte principal de renda das famílias e a cestaria ocupa, juntamente com as outras artes locais, esse lugar de fonte de renda, mas com muito menos procura que os adornos de uso pessoal, como pulseiras, colares, brincos e vestimentas. Isso me fez refletir sobre a sua função utilitária na retomada das práticas na aldeia, no sentido de pensar a arte da cestaria como uma um fio condutor que desencadeia uma série de questões que considero importantes para pensar na sua função ativista.

O resgate cultural, que tem sido um movimento que o nosso povo Xakriabá, tem sido feito de diversas formas, e a consciência da importância de reativar as práticas culturais para que não deixem de existir ocorre por uma série de fatos que marcaram a nossa história, desde

conflitos na luta pela terra, até os preconceitos e estereótipos a qual sofremos até hoje. Dessa forma, os costumes e tradições do povo Xakriabá têm pautado as ações dentro do Território. Resgatar práticas ancestrais é resgatar também a memória, bem como nossos valores e concepções de mundo, que nos orientam a possíveis caminhos que podemos seguir.

3-ARTE INDÍGENA NA ESCOLA

3.1 Educação escolar e o ensino da arte

A história da educação escolar no Brasil começa pelo projeto colonizador, que tinha como objetivo catequizar os povos indígenas, para os tornar “civilizados”. A estratégia usada pela missão jesuíta foi ensinar a língua portuguesa, fazendo com que os indígenas deixassem de falar sua língua materna, o que provocaria a mudanças de costumes com metodologia vinda da Europa, sendo as prioridades ensinar a escrita em português, seguida da ideia religiosa. A história da educação no Brasil mostra uma das mais nefastas formas de violência que os povos indígenas sofreram desde a invasão, ou seja, a forma de violência na qual o ensino atuou como ferramenta estratégica do regime colonizador. Ainda é perceptível sua marca na contemporaneidade no sistema educacional, que ainda é bastante colonizado em suas práticas de ensino/aprendizagem e que, muitas vezes, usam o modelo europeu como referência.

As escolas indígenas têm em seus processos assegurados por lei, tendo o direito de se organizar em suas práticas pedagógicas e de gestão escolar de modo a exercer sua autonomia, respeitando seus costumes, tradições, calendário próprio e organização social de cada povo, dialogando com as diferenças. Seria um equívoco analisar as práticas escolares sem revisitar a história da educação escolar Xakriabá, que teve, em seu início, professores não indígenas que chegavam com suas metodologias de ensino que não consideravam as especificidades do nosso povo. Este é um fato que considero relevante antes que qualquer análise. Há uma forte tendência de reproduzir as práticas escolares às quais se foi submetido ao longo da vida, tomando os antigos professores como referência; relembro que quadro, giz e livro didático e professor posicionado à frente da turma são imagens que perduram ao longo do tempo. É preciso quebrar com esse modelo.

O Projeto Político Pedagógico da escola Bukinuk, construído coletivamente pela comunidade, organização interna (Caciques e Lideranças) e comunidade escolar, tem como fundamento principal e norteador a luta pela terra e defesa dos direitos indígenas. No Projeto Político Pedagógico ficam evidentes e claros os rumos que a escola pretende tomar ao longo do seu funcionamento, tendo como princípio o respeito à organização interna do povo Xakriabá. Os objetivos a serem alcançados são voltados para a formação dos alunos, sendo focados na vida da comunidade e no fortalecimento cultural, mas também apontam para a necessidade de dialogar com os conteúdos da escola não indígena, entendendo que a escola

deve ofertar ao aluno os conhecimentos específicos do povo Xakriabá, bem como os conhecimentos do mundo externo a ele.

As influências da escola não indígena ainda estão presentes em algumas das nossas práticas escolares; desde a sua institucionalização, os modelos de ensino muito pouco mudaram, apesar de muitas discussões acerca das suas práticas, seguindo o caminho que parece comum em todas as escolas. Na educação escolar indígena existe um caminho de luta já percorrido, que persiste na busca de adequação dos processos escolares que possam atender às especificidades das comunidades. As observações que faço são a partir das minhas práticas como professor de Arte e de outras disciplinas, práticas que tenho visto ao longo do contato com a escola desde a lembranças das atividades em sala de aula, e também da condução dos professores e seus materiais de suporte pedagógico. O ensino da arte no Brasil, em todo seu período histórico, teve muitas divergências e mudanças, fato que considero importe para construir caminhos; entretanto, as reflexões sobre o ensino de Arte nas escolas foram pautadas em ideias vindas da Europa, sendo possível ver estas ideias reproduzidas até hoje.

O ensino de Arte tem uma ligação quase que indissociável ao desenho nas escolas das quais participei como estudante e, em alguns casos, em algumas das minhas práticas, por vezes reproduzidos sem a sensibilidade crítica, sendo entendida por uma reprodução automática proporcionada pelo ambiente escolar ao qual fiz parte ao longo da minha trajetória escolar: desenhos expostos na parede como suporte pedagógico reproduzindo calendário e principalmente datas comemorativas. Essas práticas pedagógicas reforçam, em alguns casos, estereótipos reproduzidos dentro do ambiente escolar; elas são parte importante da formação pessoal, mas por vezes acabam por induzir a pensar o ambiente escolar como estático, o que pode interferir na relação do/a aluno/a com aquele espaço.

Revisitar a história da arte/educação e do ensino/aprendizagem de Arte se faz necessário para entender as práticas educativas pelas quais cada um de nós passou e, a partir dessas, refletir de maneira crítica suas contribuições na educação escolar, bem como seus processos que se poderia colocar como equivocados ou necessários para a formação escolar e cidadã. Entendendo que o ambiente escolar é lugar de experimentar não de forma aleatória, mas de forma pensada e articulada a partir das observações e anseios da comunidade escolar, considero de suma importância ter a percepção que a educação escolar não é uma receita pronta, que tenha garantias de que o de hoje será o mesmo de amanhã. É preciso considerar, ainda, a diversidade dentro do espaço escolar e as limitações às quais se está submetido, o que provoca a pensar em alternativa e uso de diversos meios didáticos, sem deixar de apontar que as

experiências educativas que vêm sendo construídas em anos ou séculos são parte do conhecimento humano e não podem ser consideradas como ruins ou totalmente inúteis.

Uma das inquietações que tenho enquanto professor do ensino médio é uma possível ineficiência das práticas de ensino/aprendizagem da arte indígena, no que diz respeito ao tempo de aula de 50 minutos semanais, que considero inadequado para trabalhar a arte indígena de maneira fluente, seguida da falta de material específico, entendendo que a prática é parte importante do processo de aprendizagem. Também considero que materiais pedagógicos de suporte para circular nas aldeias seriam relevantes para desenvolver o trabalho. Relembro aqui o caso da cerâmica indígena Xakriabá, tomando como referência o professor Nei Leite, da aldeia Barreiro Preto que, por meio do processo de retomada dos modos de fazer ancestral, tem conseguido fazer tentativas de introduzir a prática de fazer cerâmica nas aulas de Arte, e se depara com dificuldades parecidas.

O processo de saberes transmitidos de geração para geração, que antes era uma forma natural de trocar e compartilhar experiência, tem sofrido alterações; ao serem identificadas, podem surgir algumas ações no sentido de retomar, não de maneira similar, mas de acordo com as possibilidades que se pode trabalhar no mundo atual. As oficinas têm sido um movimento corriqueiro dentro do Território; artistas/artesãos indo ao encontro de grupo de pessoas que se interessam em aprender a fazer peças é um movimento que tem sido interessante no sentido de ser um momento de troca, que por algum momento do nosso tempo fica esquecido.

3.2 Material didático específico

Desde a implantação das escolas indígenas em seu início, a produção de material didático para uso nas escolas sempre foi pauta de discussões, bem como os livros didáticos ofertados pelas secretarias que, ao longo dos anos, tem sido um dos pontos discussões, bem como seus conteúdos que não atendiam às especificidades da Educação Escolar Indígena. O processo de formação de professores, desde o magistério no Parque do Rio Doce até a chegada e permanência à universidade, tem feito ações importantes no âmbito das produções de materiais, a produção de livros que abordam de diversos aspectos dos costumes e tradições do povo, usando como base as próprias experiências individuais e coletivas na produção como forma de registro, em parceria com a UFMG por meio de programas como o PIBID, bem como menciono o Programa Saberes Indígenas na Escola, todos estes com participação coletivas de pesquisadores, anciões, comunidade e lideranças. As produções acadêmicas do FIEI/UFMG

são trabalhos de pesquisa que têm ganhado bastante visibilidade por estarem disponíveis em plataforma virtual. Essas produções têm como peculiaridade a história de luta na conquista e manutenção de direitos com temas diversos relacionados ao Território. Ao visitar parte desse acervo, tenho posto a pensar nas possibilidades que esses materiais têm ofertado na construção de uma escola indígena diferenciada e de qualidade; contrapondo ao modelo colonial de educação escolar e à fragmentação do conhecimento disposto em disciplinas, têm impactado no sentido de repensar as nossas práticas de docência, ao encontro a uma educação emancipadora.

Ao ingressar na missão de professor indígena, a preocupação que logo veio foi: Quais conteúdos devo trabalhar? Qual material tenho para trabalhar? Uma das questões que surge na contemporaneidade seria o ponto central a ser trabalho na escola, e a partir dele quais seriam os conteúdos a serem abordados. Como observado por diferentes comunidades, as "novas" tecnologias, a partir da sua chegada nas aldeias, têm impactado nos costumes do povo, fato já abordado em outros momentos, mas que tem avançado com maior dinamismo nas vidas de todos nós. Fazendo menção à ferramenta de maior impacto quando se fala em tecnologia, que é a internet juntamente com aparelho celular que estão incorporados a vida cotidiano das aldeias, é um fenômeno que não se pode deixar de relatar, uma vez que a sua imersão na vida das pessoas reflete no ambiente escolar.

As inúmeras contradições acerca do uso dessas tecnologias na escola têm movimento presente no contexto social dos alunos, o que leva a crer ainda mais que, para uma eficácia prática de ensino/aprendizagem condizente com as novas realidades, é preciso uma maior centralidade nos sujeitos que compõem estes novos cenários. A quantidade de informações e rapidez com que se propagam nos coloca o desafio de como nos portar perante situações novas de questionamentos sobre os conteúdos e sua aplicabilidade, o que se faz necessário.

O fortalecimento das bases da educação escolar indígena, que são pautadas na construção coletiva, são os desafios que se apresentam durante a caminhada e necessitam de maior atenção. Dentre os diversos espaços educativos das comunidades, sem dúvidas, o convívio com a família, os espaços de festejos e a vida na aldeia são os de maior importância para crianças e adolescentes. Outros espaços educativos de formação que se pode apontar são os movimentos de luta, que refazem caminhos percorridos pelas nossas lideranças em defesa dos direitos coletivos, em diferentes momentos da história e que têm se fortalecido em suas reconfigurações de articulação, promovendo grandes encontros de reinvindicação e luta pelos direitos indígenas, que nos últimos dez anos (2013-2023) tem contado com a participação da

juventude Xakriabá. Este fato tem refletido positivamente dentro do Território e contribuído para um maior engajamento dos jovens nas ações voltadas a coletividade. Portanto, a participação no movimento indígena nacional tem sido um espaço de formação de pessoas cientes das ameaças que os povos indígenas de todo Brasil enfrentam, e da necessidade apoiar o trabalho das lideranças dentro do Território.

4-EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Perante os dispositivos legais que regulamentam a Educação Escolar Indígena, veio a necessidade da elaboração de documentos que direcionam o andamento das escolas. Entre eles o Projeto Político Pedagógico - PPP que, em sua elaboração, contou com a participação das comunidades, lideranças e comunidade escolar. Nele estão contidas informações pertinentes ao funcionamento das escolas, seu histórico de surgimento e seus conteúdos a serem trabalhados, bem como seus valores, enfim, todos as atribuições durante seu funcionamento.

Os aspectos relacionados ao ensino/aprendizagem têm como referência os 'conhecimentos indígenas' e 'conhecimentos de mundo'; o primeiro diz respeito aos conhecimentos do povo Xakriabá observados em seu cotidiano e o segundo diz respeito aos conhecimentos trabalhados na escola não indígena. O Projeto Político Pedagógico apresenta em seus capítulos alguns dispositivos que apontam para um funcionamento harmônico entre comunidade e escola, nos processos participativos que sugere. Vale ressaltar que todos os professores e os demais servidores da escola são pais de alunos, primos ou filhos, enfim, há um laço familiar entre todas as pessoas que compõem o quadro de funcionários, o que também é a realidade das comunidades.

Importante apontar que na escola 90% dos servidores são mulheres, dado que reforça o protagonismo das mulheres frente à educação escolar, e que tem se notado também em outros espaços dentro e fora da comunidade. Esse protagonismo vem sendo construído ao longo do tempo, oriundo da constatação de bons trabalhos realizados na gestão, coordenação pedagógica e supervisão, portanto, um espaço conquistado e que se reflete em outros meios da sociedade.

No documento, as ações voltadas para o fortalecimento da identidade cultural do povo Xakriabá são preestabelecidas na perspectiva de uma educação comunitária, onde os agentes que fazem a condução estão inseridos na vida da comunidade de maneira ativa.

4.1 Experiências na Educação escolar

Do trabalho com as disciplinas Matemática e Práticas Culturais, que foram importantes para repensar algumas práticas escolares às quais estava me submetendo e, consequentemente, também aos alunos, a disciplina denominada Práticas Culturais, com carga horária de 50 minutos por semana, me fez repensar profundamente no que diz respeito à efetividade dos

conteúdos apresentados aos alunos no espaço de tempo determinado para a aula e que práticas seriam essas.

A aldeia Caraíba, onde trabalhei, é uma das aldeias que estão em processo de regularização territorial. Ao ingressar como professor de Cultura, indicado pela liderança da aldeia, uma das preocupações em aceitar o desafio era de como trabalhar na escola com conhecimentos que, na minha percepção, não eram suficientes para exercer a função. Mas decidi aceitar o desafio, entendendo que partindo dele poderia elaborar estratégias de melhor forma de trabalho.

Uma das indagações da qual me recordo veio com a pergunta: Cultura se ensina? Talvez um questionamento que surge da visão colonialista da figura do professor como detentor do saber e o aluno como receptor. Os trabalhos realizados por professores do magistério das turmas de início da educação escolar Xakriabá, em grande parte livros, foi o primeiro suporte em termos de material de trabalho; eles foram usados como literatura e em discussões com os alunos.

A escola já contava com uma estrutura que era usada como oficina para produção de colares e pulseiras, estrutura essa montada pelos professores que trabalharam em no ano anterior, que produzem arte nesse seguimento. Porém as necessidades de atender aos alunos era além de somente uma prática para o ano todo; nesse momento, tive o apoio do professor de Cultura Edvaldo Xakriabá que já estava naquela escola e é a pessoa de maior referência na confecção de colares e pulseiras com madeira e osso, e de outros professores/artistas que se dispuseram a fazer oficinas na escola de maneira colaborativa, socializando os seus conhecimentos entre os alunos e professores, colaboração que já ocorria em outros momentos na escola, inclusive nos momentos de ocupação da retomada. A partir dessas contribuições, foram realizadas oficinas de produção de cocar, cerâmica, esteiras e trabalhos com sementes, o que fortaleceu o ensino da arte Xakriabá na escola.

Nesse primeiro momento em que atentei para o entendimento de possíveis caminhos para seguir as aulas de uma forma que se adequassem ao espaço de tempo, fazendo a transição entre a prática e a teoria que sugere a escolarização desses fazeres no âmbito escolar, os diálogos com pessoas de diversas comunidades, aliados à experimentação da prática advinda desses diálogos - que eu poderia chamar de pesquisa de campo -, acrescentaram de maneira significativa o entendimento dos trabalhos, fazendo com que o olhar crítico sobre as minhas práticas com outras disciplinas, em especial no ensino médio, viessem a ocupar um lugar no pensar da prática docente.

Naquele momento houve um rompimento com minha relação com as sequências de conteúdos divididos em séries, às quais os livros didáticos me direcionavam desde a minha formação escolar básica. A participação ativa das lideranças na escola e comunidade fazem a diferença no direcionamento dos trabalhos pensados e realizados na escola. Em reuniões dos professores e direção em alguns momentos de planejamento, as lideranças reforçam uma das premissas que regem o trabalho do professor, ao falarem que "todos os professores que atuavam na escola tinham que ser professores de Cultura", atentando para a prática docente ser trabalhada nesse contexto, o que vem ao encontro ao Projeto Político Pedagógico. Mas não é simples fazer essa interlocução entre os conhecimentos sem um planejamento consistente, participativo e multidisciplinar.

Recordo que em 2018 aconteceu a reformulação da matriz curricular das escolas Xakriabá, que contou com a participação das comunidades, professores, Caciques e Lideranças em sua elaboração, quando foram incorporados, entre outros, o ensino da língua akwen, algo importante para o seguimento da escola. Outro componente que chama atenção é a etnomatemática, onde percebi uma possibilidade interessante para o trabalho na escola, mesmo sendo uma abordagem nova quando pensada em relação à matemática tradicional.

Com a oportunidade do trabalho com ensino médio, como professor de Matemática e de Arte na escola próxima à aldeia onde moro, começo a vislumbrar novas possibilidades de trabalhar a arte na educação escolar na perspectiva da transdisciplinaridade, entendendo que a divisão dos conhecimentos que a escola traz na organização das disciplinas pode ser um dos fatores que impedem que a passagem do aluno pelo ensino médio seja melhor aproveitada e produtiva.

4.2 Arte/cestaria na Escola Indígena Xakriabá

A arte de produzir cestaria faz parte dos modos de vida do povo, tendo sua prática assegurada por outras que compõem seu sistema utilitário, artístico e cultural, que historicamente estão presentes na conjuntura social do povo Xakriabá, assim como outras artes. Originalmente, tem suas funcionalidades ligadas ao manejo nas atividades do cotidiano, como processamento, armazenamento e transporte de alimentos. Essas atividades fazem parte dos meios de sobrevivência e autonomia dentro do Território, e que estão presentes ainda hoje na vida do coletivo. Assim como em comunidades tradicionais, rurais e em outros países, a cestaria é uma arte difundida em diversos coletivos e em diversos contextos. O fazer dos objetos requer

uma série de conhecimentos que, ao serem acessados, levam ao lugar de busca por uma contextualização histórica das práticas artísticas/culturais, o que contribui para um posicionamento perante a realidade na qual se está inserido, e pela qual se pretende trabalhar na sua transformação.

A arte presente em nosso cotidiano, bem como outras manifestações, esteve reprendida dentro das inúmeras situações que o povo Xakriabá vivenciou, porém, permanece viva na memória coletiva do povo, fato que pode ser percebido em conversas com pessoas de maior vivência dentro do Território, sejam elas envolvidas ou não nas práticas de produção material. Os saberes que envolvem a prática, costumeiramente, têm uma forma de transmissão de indivíduo para indivíduo de formas variadas, desde o encantamento, observação, escuta e fazer, aprender praticando, através de experimentar na tentativa do aperfeiçoamento; a realidade social na qual está inserido, contribui ou não para o desenvolver de sua prática.

A educação escolar Xakriabá, com todo seu histórico de luta desde os anos 1950, em que o principal objetivo era aprender a leitura e escrita para desenvolver estratégias, rumo ao protagonismo na luta pelos direitos, denunciando as violências dentro do Território, é, de fato, uma das conquistas de grande relevância para o povo Xakriabá. Ela foi construída a partir da perspectiva do próprio povo, diante dos desafios de se fazer uma educação diferenciada e de qualidade, que tem a interculturalidade como um dos pontos a serem trabalhados.

A arte é um dos pontos fundamentais que contribuem para o desenvolvimento da escola, uma vez que é um dos componentes dos processos de retomada e fortalecimento da identidade e dos costumes tradicionais. Porém, ao trazer essas práticas de fazer tradicionais para o ambiente escolar, os desafios são enormes quando nos deparamos com o modelo que se dispõe na escola com relação ao tempo das aulas de Arte, quando comparadas a outras áreas de conhecimento que ainda ocupam um maior espaço na matriz curricular da escola. Entretanto, vale ressaltar a autonomia que o professor pode exercer em suas atividades escolares e tem que ser praticada, entendendo que flexibilizar o ensino dos conteúdos é de grande importância, bem como o planejamento coletivo para o desenvolver dos trabalhos.

Trabalhar a cestaria na escola é um trabalho que carece de tempo e espaço que, em um primeiro momento, a escola, com suas limitações, não dispõe em seu modelo; em muitos casos, o espaço é inadequado e o tempo é pouco. Mas, ao mesmo tempo, penso que esse seria o ponto de partida para um ensino/aprendizagem que possibilita novas formas de abordagem que podem ser intercaladas entre teoria e prática dentro e fora do ambiente escolar.

Figura 2- Aula de Arte - Aldeia Caraíba, 2022



Foto: Acervo pessoal do autor.

Os processos de aprendizagem tradicional não estão relacionados a um tempo predeterminado, mas se baseiam no contexto da vivência entre aquele que deseja receber e o quem irá repassar parte de algum saber. Para se aprender algo, é necessário compreender a ciência da espera ou paciência, algo desafiador para o contexto em que se vive, onde o pronto é o mais viável. Aprendizagem tem seu tempo de maturação que não é igual de um indivíduo para o outro, assim como crianças e adolescentes têm o seu desenvolver natural das fases de transição que precisam ser respeitados, sendo essencial compreender que o imediatismo que, em algum momento, o professor possa desejar, pode não se concretizar. Portanto, a contextualização da realidade, tanto quanto o diagnóstico prévio dos saberes que circulam entre os alunos sobre o tema em uma perspectiva de melhor relação de ensino/aprendizagem entre o grupo, seria parte fundamental para o início do trabalho, bem como os conhecimentos prévios que se deve trabalhar para a retirada dos materiais usados para produzir as peças.

Dos trabalhos realizados no ensino escolar, a grande dificuldade em trabalhar cestaria eram o acesso aos materiais na sua distância com relação a escola, sendo necessário fazer a retirada dos materiais para levar a escola sem o acompanhamento dos alunos, considerando

que o fazer coletivo dos processos são momentos de grande interação e que podem ir além do saber fazer.

4.3 Caminhos da aprendizagem

Durante os deslocamentos entre o Território e a cidade, um dos aprendizados que me marcaram foi a percepção do distanciamento dos modos de vida e a relações entre pessoas, que temos em nosso Território, com particularidades e objetivos distintos um do outro. As relações de trabalho às quais nos submetemos quando estamos fora do Território, vindas de um sistema onde as relações que são bastante restritas aos modos operantes em favor do capital econômico, têm a produção voltada para o comércio. Dentro dessa relação na qual, de alguma forma, estamos inseridos na contemporaneidade, cabe refletir o que se apresenta nessa relação econômica e quais seus possíveis desdobramentos ao longo do tempo, quando se propõe um resgate cultural que se baseia na reciprocidade e troca.

As visualidades com as quais nos deparamos no decorrer da vida são diversas quando se transita em mundos distintos entre aldeia e cidade, e podem ser interpretadas de diversas maneiras, por vezes de forma crítica no sentido de produzir questionamentos ou de forma superficial, quando se entende como caminho natural. As percepções de avanço relacionados ao acesso a bens materiais e a aparatos tecnológicos, bem como o dinamismo ao qual nos prestamos ou somos induzidos a estar inseridos, tem ocasionado possíveis, novas formas de pensar o meio em que se vive, podendo levar a uma desvalorização do que é próprio da cultura originária.

Em uma das cidades no interior do estado de São Paulo onde morei e trabalhei, tive a oportunidade de ver o fazer de um balaio de milho, objeto muito usado nas áreas rurais para manejo agrícola, e que também faz parte das práticas de cestaria tradicional. Era uma peça feita com bambu, com base quadrada e corpo arredondado, feita com talas grossas, modelo usado nas fazendas cafeeiras daquela região e que difere em pequenos detalhes dos balaios tradicionais feitos no Território Xakriabá e no seu entorno. A partir dele, tive a noção de como era feita a peça, mas somente através da observação e o distanciamento da vida na cidade consegui aprimorar, para ter o mínimo de noção prática para desenvolver as formas de trabalhar e conhecer os diversos materiais e peças que compõem a cestaria tradicional Xakriabá.

Em conversas com um dos anciões da Aldeia Sumaré 1, o Sr. João de Bião, que é a maior referência das aldeias próximas na arte de produzir cestaria, tive diversos momentos de

aprendizagem, através somente da oralidade com que ele narrava as histórias, relacionadas à forma como ele fazia o balaio, onde a técnica de fazer e a referência de medida é o corpo. Depois da observação e da descrição oral, colocar em prática foi o grande desafio, que difere de todos as outras etapas citadas. O fazer é constituído em etapas que demandam paciência e atenção para seu desenvolvimento, assim como o entendimento de modos de fazer podem partir de uma base metódica, mas se mostram diferentes ao serem executados por diferentes sujeitos.

Das interações proporcionadas pelo movimento de reivindicação de direitos nas incidências em instâncias de poder, as interações são constantes entre indígenas do próprio povo e de outros povos. Diante desses movimentos de luta, as observações relacionadas às artes indígenas são recorrentes e, em alguns casos, as similaridades e diferenças entre as visualidades estão perceptíveis. Ao me deparar com as cestarias feitas por diversos povos, identifiquei trançados e formatos semelhantes aos cestos, principalmente, os de trançado espinha de peixe, mas o que chamou a minha atenção foi o uso das cores em algumas peças, fator que potencializa os caminhos do trançado e transmitem as simbologias de cada peça por meio da imagem, algo que não tinha visto nas cestarias produzidas em nossa região.

Logo me veio o interesse em fazer o tingimento nas peças que produzia, porém de forma a não me apropriar ou reproduzir os grafismos que são particulares de cada povo, me atentando a produzir somente os caminhos dos trançados que aparecem naturalmente, ou me dispor a reproduzir os grafismos do Povo Xakriabá, que podem ser visualizados em outras artes Xakriabá que circulam no Território. Na busca por informações sobre o tingimento natural, ouvi relatos de algumas práticas de tingimento que eram usadas com raspa de tronco de árvores, especialmente em roupas para ritual de luto onde se tingia a roupa branca, usando barro preto e raspa do tronco de árvore que ajudavam a fixar a cor, porém, optei por fazer tingimento com anilina (produto industrializado), por conta de não conhecer os processos que poderiam ser usados para o tingimento de fibras. Todas as situações citadas são parte de experiências vividas e que provocam a atuação como pesquisador dentro e fora do Território, envolvendo experimentações práticas que apontam caminhos para um melhor entendimento do que se busca.

Figura 3 - Cestarias - ATL 2023 -



Figura 4 - Bolsa Kanela Ramkokamekrá



Foto: cestaria- Acervo pessoal

5. ALGUNS MATERIAIS

No processo de produzir cestaria, os materiais usados são de extrema importância para determinar as peças que são feitas com maior frequência em determinado local, bem como os costumes de produção de alimentos e coleta de frutos nativos ali existentes. A aldeia Sumaré 3 e as aldeias próximas têm como bioma de maior predominância o cerrado, de solo arenoso e vegetação de médio porte. É notado que o ambiente que nos cerca também é um condutor de nossas práticas culturais pois, na medida em que diminuem as espécies vegetais, nossa cultura também é enfraquecida. Vale ressaltar que, em outros períodos da nossa história recente, a diversidade da vegetação e a sua quantidade eram bem maiores, assim como o acesso à água, pensada não só para o consumo humano, mas para alimentar todo um sistema de vida no Território. Essas constatações têm repercutido dentro do Território no sentido de buscar caminhos para possíveis soluções. Entre os diversos materiais de uso na cestaria e trançado, destaco alguns que são de maior acesso, dentre os muitos encontrados em outros locais.

A cana brava (Ginerium sagittatum), também chamada Cana Flecha, Flecha ou Cana-do-rio, é um dos materiais que tem maior quantidade na aldeia Sumaré 3, sendo também encontrada em outras aldeias próximas. Seus usos vão além da cestaria; seu pendão, que cresce na extremidade, é usado na confecção de flechas e algumas pessoas também usam para fazer armadilha de caça, pequenas barracas e cercar galinheiro. Nos locais em que é encontrada essa espécie, é comum a presença da água, ou seja, ela nasce próximo de nascentes ou locais onde se acumula certa quantidade de água. Na aldeia Sumaré 3, está concentrada próxima a uma antiga nascente, local chamado de ‘olho d’água’. Conheci e comecei a usar esses materiais depois de conversas com diversas pessoas, até chegar ao ponto de coletar e fazer o uso, para fazer as peças, processo que foi bastante complexo pelo fato de eu conhecer somente o bambu como material para esse trabalho.

Figura 5- Cana Brava, Aldeia Sumaré 3



Foto: Acervo pessoal

O buriti (Mauritia flexuosa), espécie de palmeira comum em diversas regiões do Brasil, bastante usada na arte da cestaria e trançados, também é material encontrado dentro do Território, porém tem sua maior concentração em duas das aldeias do Território, Peruaçu e Dizimeiro, que ficam nos extremos da terra demarcada, e até mesmo em outros municípios. Seu uso na cestaria tem um maior direcionamento para o fazer das esteiras, saias, bolsas, tapiti e trançados para obtenção de embira (corda) a partir da coleta da seda extraída do olho do buriti, ou para fazer cestos e peneiras com a retirada do braço do buriti.

Figura 6 - Buriti, Aldeia Peruaçu



Figura 7- Buriti, Aldeia Dizimeiro



Foto: Arquivo pessoal

Outros materiais são de comum uso para confecção: croata, tuncum, embiruçu, taboa, junco e folhas de palmeira. Todos esses materiais são encontrados dentro da terra Xakriabá, em diferentes aldeias, de acordo com as características de adaptação ao solo, que se divide entre cerrado e caatinga.

O croata (Bromélia Balansae), usado na cestaria para obtenção cordas, é um material presente em diversos pontos de mata no Território Xakriabá; tem por característica a retenção de água em seu corpo e é usado também por algumas pessoas para saciar a sede em ocasião de necessidade.

Figura 8 - Croata



Figura 9 -Croata



Foto: Acervo pessoal

As fibras que ficam na entrecasca costumeiramente são retiradas com auxílio de uma faca; algumas pessoas usam costumam tirar os excessos passando a faca, em outros casos colocam de molho na água de um dia para o outro.

Figura 10 - Tirando seda da croata



Foto: Acevo pessoal

Coquinho azedo, também nativa do cerrado, é uma palmeira de frutos comestíveis. Além dos frutos, sua palha é usada na produção de algumas peças de arte feitas a mão, como chapéu, bolsas, copa, uru e, em alguns poucos casos, na cobertura de barracas.

Figura 11 - Coquinho azedo



Fonte: - arquivo pessoal

Figura 12- Pajé Deda trançando com folha de coquinho



fonte: Acevo pessoal

O tucum é uma espécie de palmeira espinhosa e suas folhas são usadas no trançado, principalmente sua seda, para o trançar de corda que se destaca por ser resistente. O tucum encontrado na aldeia Sumaré 3 difere do encontrado em outras regiões, principalmente por ser de tamanho menor.

Figura 13- Tucum do cerrado



Fonte: Acervo pessoal

Figura 14-Esteira feita com Buriti. Laurinda Xakriabá, Aldeia Várzea Grande.



Foto: Edgar Kanaykõ

Com o aprendizado do manejo de alguns materiais, vieram alguns aprendizados relacionados aos saberes e à observação, que precedem o fazer da cestaria, e de outros seguimentos da vida. Com a colaboração das pessoas de maior tempo de vivência dentro do Território, alguns deles são descritos. Esses aprendizados foram e são construídos ao longo do tempo, relacionados à observação da lua e do cuidado para a continuidade da vida dos materiais; são importantes para formar um conjunto de questões que atribuem sentidos às práticas, que não atendem somente ao bem estar que pode trazer ao artista, mas também a um possível entendimento de que a natureza - vista como parte de nós e não somente como "recurso" para atender a uma demanda de momento - é de fato importante para compreender a continuidade da nossa existência.

O preparo dos materiais pode diferir um do outro; como exemplo o buriti, que, após a retirada das talas ou da seda, é preciso expor ao sol para secar, diferente da cana brava que pode ser usada sem nenhum tratamento. Se percebe que do histórico recente, não se consegue identificar uma precisa distinção ou predominância no fazer da cestaria entre homens e

mulheres, porém dentro do Território, até 2023, se consegue perceber que as pessoas que fazem em sua maioria são homens.

A retirada do material para os devidos processos de elaboração das peças na cestaria se mostra uma prática que promove não somente o fazer artístico, mas também os valores e a relação de respeito com os seres que habitam os espaços, que direcionam a condução das nossas práticas. A observação da lua, bem como outros aspectos, é de grande relevância na vida do povo Xakriabá, ao mesmo tempo que, para obter boas colheita do que se planta, é preciso compreender os saberes que a terra se dispõe a nos passar. No caso da cana brava, material de maior uso, é constatado que a coleta seja feita com "escuro", ou seja, na lua nova, para que o material esteja em melhores condições para o manuseio. Assim também é com o buriti, como afirma Oliveira (2018), ao descrever suas observações em sua pesquisa.

> Na lua nova é o melhor período: sai bom e facilita o trabalho, porque a lua está no escuro, ou seja, é quando o sol faz sombra na lua, deixando a mesma sem brilho por uns dias, sem a reflexão do sol na lua, onde ela não tem reflexo e perde a força de atração sobre tudo que há na terra. Por esse motivo as águas do corpo das plantas descem e se concentram a maior parte nas raízes, com essa ausência da concentração da água no corpo da árvore (buriti) deixando o material mais resistente. Já na lua minguante sai pela metade, o que dificulta o trabalho. Pois no nosso olhar quando a lua vai ficando minguante a seda também míngua, diminui de quantidade e assim perdendo concentração, resistência e durabilidade Essa é uma tradição do povo Xakriabá. É como se fosse uma ciência de saber qual o tempo certo para fazer cada atividade. Esse conhecimento é passado pelos mais velhos. (Oliveira, 2018, p.17)

Portanto, a resistência da matéria e da vegetação é observada durante os processos iniciais. O que pode ser destacado, enquanto artista Xakriabá, é a importância da manutenção da vida dos Territórios, pois não é difícil entender que para existir arte indígena, o Território com sua mata, as águas, animais e todo seu sistema gerador de ciência precisam estar vivos.

Após a retirada do material, o preparo das talas é a etapa com maior tempo de duração, tanto para fazer peneira, quanto para balaios e cestos; os tamanhos e espessuras precisam ser diferentes para cada peça. No caso dos balaios para uso na roça, as talas são mais grossas, tanto na espessura, quanto na largura. Já para fazer peneiras e cestos que têm tramas parecidas, o material precisa ser bem trabalhado, para que fique com maior maleabilidade. É preciso limpar, tirando a palha que cobre a vara, para cortá-la no tamanho que se deseja. Em seguida, é preciso repartir na espessura e em seguida destalar (Figura 15).

Figura 15- Preparo das talas

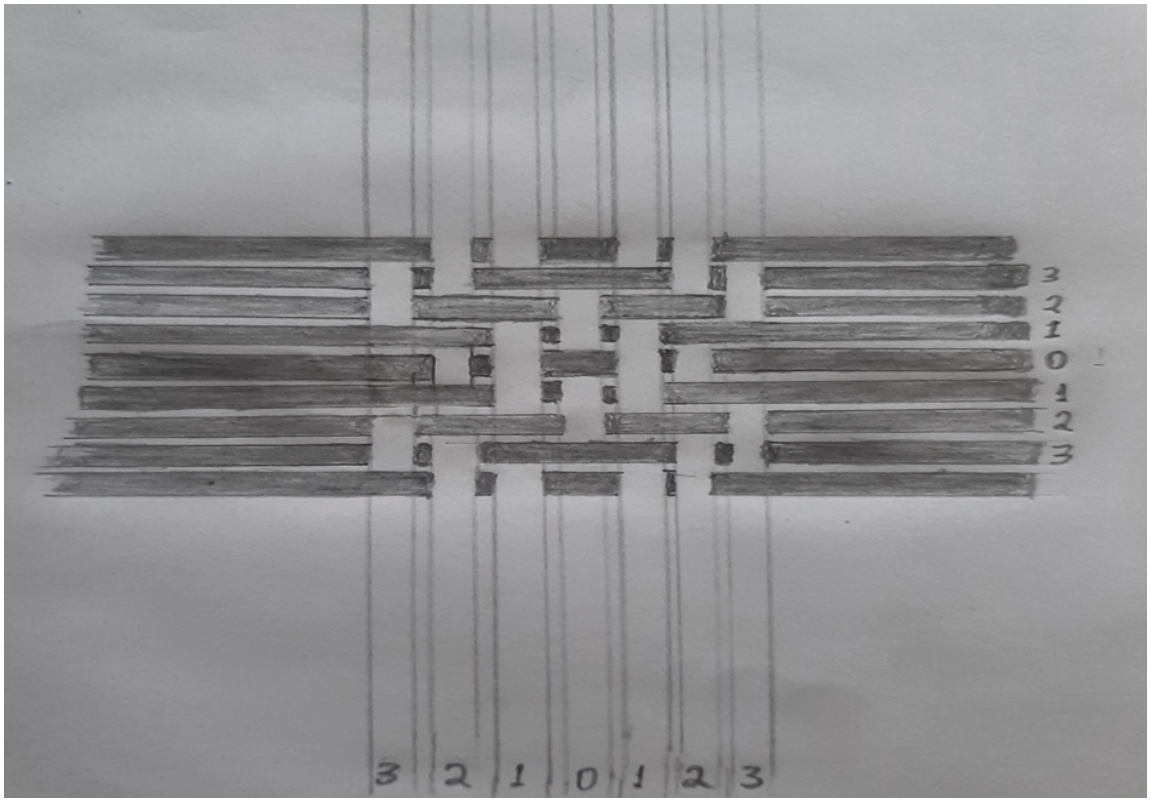


Fonte: Acervo pessoal

Na cestaria, as operações matemáticas que envolvem o fazer são percebidas nas relações a todo momento por quem a faça, sendo uma relação próxima, mas que, diferentes das práticas escolares, são percebidas de forma natural; o uso do corpo nas medidas, como o uso da palma da mão, altura do solo ao umbigo, a distância de um pé para outro no compasso, sem uma sequência lógica.

Ao propor uma descrição das formas particulares de visão e com o envolvimento com a educação escolar, não poderia deixar de abordar tais observações, por entender que a arte da cestaria não está contida em um campo de conhecimento específico, ela transcende por diversos caminhos. Levando em conta os padrões que têm, as repetições em peças como as peneiras e os cestos, é notada uma relação entre as medidas, assimetrias, formas geométricas e aritmética usadas em especial com conteúdos escolares. Por exemplo, na trama da peneira os padrões repetitivos formam a figura de um losango, sendo recriados de maneira crescente à medida que se aumenta o número de talas.

Figura 16- Esquema: trama da peneira



Fonte: Acervo pessoal

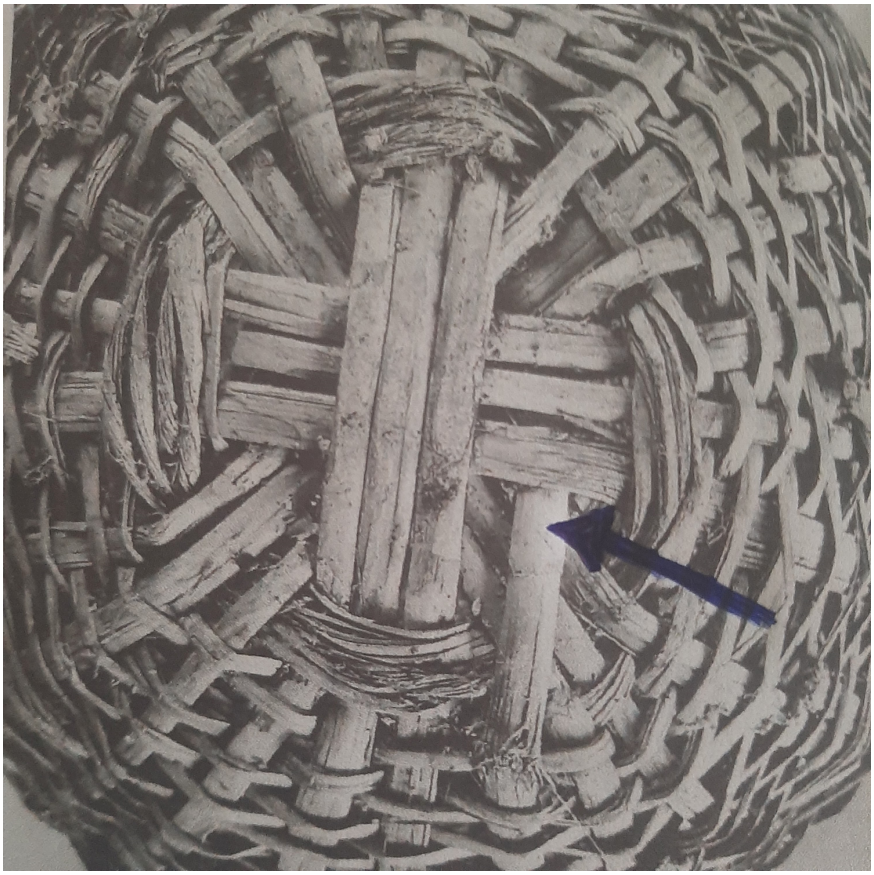
Figura 17- Peneira para fubá



Fonte: arquivo pessoal

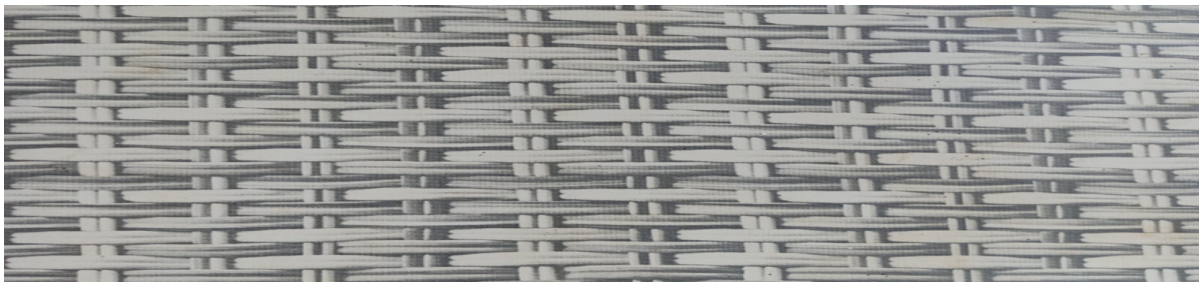
Os balaios e cestos tradicionais que circundam pelas aldeias ou pelas cidades e comunidades próximas têm sua o formato da base arredondado, e como se pode observar a relação matemática do fazer está presente, quando se observa o número de esteios que, ao se multiplicarem pela contagem das pontas, formam uma quantidade par. No caso do balaio da Figura 18, foi acrescentada uma ponta a mais para que ao tecer com uma fita garanta que ela passe pelo lado de fora e ao voltar passe pelo lado de dentro ou vice e versa.

Figura 18- Base arredondada do cesto



Fonte: Acervo pessoal

Figura 19- Trançado quadrado um por um, do corpo do cesto ou balaio



Fonte: Joel Xakriabá

Figura 20- Base quadrada do balaio



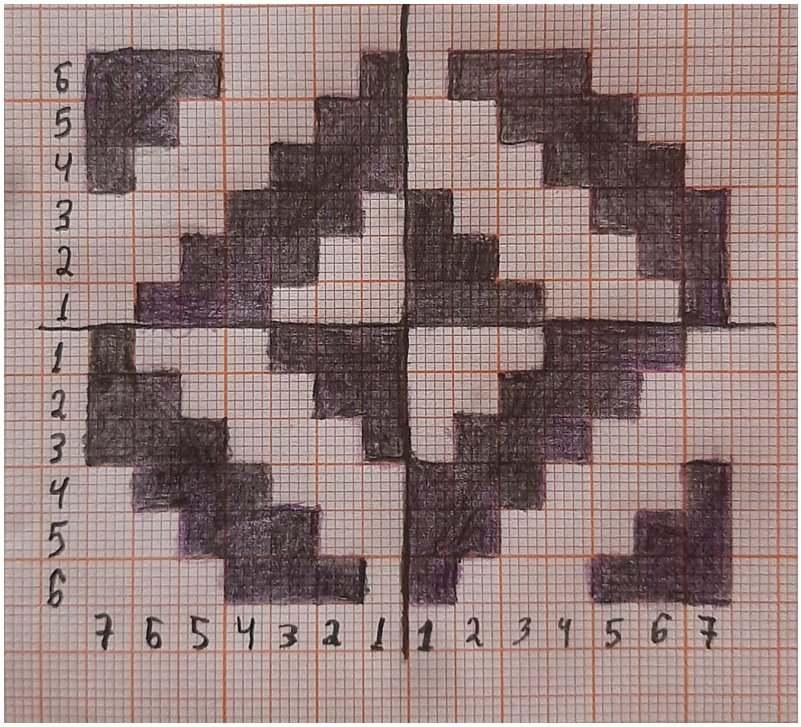
Figura 21 – Balaio



Fonte: Acervo pessoal

Os cestos que particularmente chamo de cestos “trançados”, que são utilizados para armazenar alimentos e portar flechas, entre outros objetos pessoais, também exercem uma função decorativa. Sua elaboração exige um maior tempo desde a preparação das talas que precisam estar bem maleáveis, até a trama da sua base ao tecer do corpo do cesto. Entre os diversos materiais que se pode utilizar para produzir essas peças, dos encontrados nas aldeias próximas, o buriti tem uma maior maleabilidade que facilita o preparo e o tecer dos cestos; já a cana brava, que é pouco mais rústica por conta dos seus nós, também é usada, porém com maior cuidado para não quebrar as talas. O tingimento das talas permite visualidades de diferentes aspectos em uma mesma trama, formando figuras geométricas que, em alguns casos, se assemelham a outros elementos culturais, que fazem parte da vida das comunidades, como pinturas corporais que, em sua maioria, têm formas geométricas que se assemelham as produzidas nas tramas da cestaria.

Figura 22- Trama espinha de peixe da base de cestos, em papel quadriculado

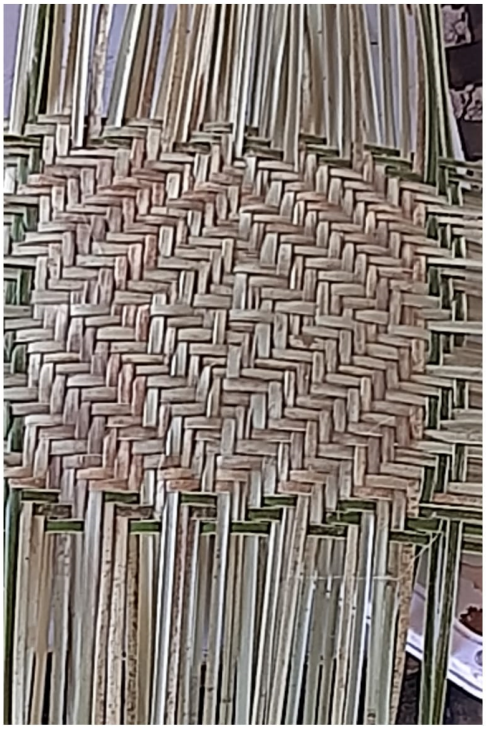


Fonte: Acevo pessoal

Figura 23 - Cesto cru (sem tingimento)



Figura 24-Trama espinha de peixe



Fonte: Acervo pessoal

Figura 25- Base de trama espinha de peixe, tingida com anilina

Figura 26- Cesto de trama espinho de peixe

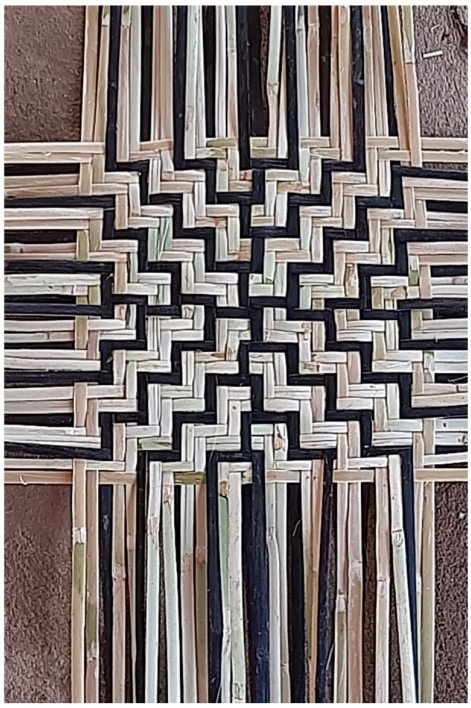




Fonte: Acervo pessoal

Figura 27- Trama espinha de peixe

Figura 28- Cesto com trama espinha de peixe





Fonte: Acervo pessoal

5.1 Oficinas

As oficinas dentro e fora do espaço escolar, como já mencionado, são momentos que têm sido de grande aprendizado, tanto com a participação de pessoas envolvidas na vida escolar, quanto com pessoas que não estão diretamente nela envolvidas. É percebida a interação que envolve saberes diversos durante o espaço de tempo, os diálogos e observações, as formas de entendimento e de fazer, bem como as histórias contadas. A primeira vez que presenciei uma oficina relacionada às artes foi na escola Bukinuk da aldeia Sumaré 1, no ano de 2010, com Nei Leite, que atuava como professor de Arte e usava o espaço da Casa de Cultura que fica próxima à escola para desenvolver a prática com os alunos. A realização das oficinas foi uma das maneiras que me fizeram sentir por um momento a riqueza que os modos tradicionais de aprendizagem podem proporcionar, já que desejava aprender através do contato e das vivências nas práticas cotidianas da aldeia e que não tive a oportunidade de experenciar durante a adolescência.

Durante as diversas oficinas das quais participei, destaco as conversas que surgiram com o cacique João de Jovina (Aldeia Sumaré 3) e com o pajé Deda (Aldeia Embaúba). O cacique João, pessoa com mais idade, com quem aprendi a fazer Uru e Tapiti em uma oficina realizada em sua casa, usando palha para fazer o uru e fibra de mutamba (casca da árvore) para fazer o tapiti, ao mesmo tempo que confeccionava as peças contava histórias relacionadas ao tempo em que o uso das peças era mais constante. Era como se o ato de tecer cada fio quando seguro e puxado com as mãos fizessem, também, o papel de resgatar parte da memória, momento em que as instruções ficam em segundo plano. O cacique João relatou que aprendeu vendo o avô e o bisavô fazendo, sem citar a questão do ensinar no sentido de ser instruído, dentro de um ciclo de transmissão de saberes ligado ao cotidiano do tempo que era adolescente e que acompanhava os mais velhos nos afazeres.

Figura 29 - Cacique João tecendo o tapiti



Fonte: Acervo pessoal

Figura 30 - Tapiti feito pelo Sr. Jorge, Aldeia Peruaçu



Fonte: Acervo Pessoal

Tapiti

Tapiti é uma peça que tem seu uso empregado no preparo da massa de mandioca para extração do líquido. Sua confecção pode ser feita com diversos materiais, desde a palha de buriti, até as fibras de entrecasca de algumas árvores, como embaré, mutamba e embiruçu, entre outras. Sua elaboração é feita com certa quantidade de fitas, sendo que uma das pontas entrelaça de cima a baixo na construção do seu corpo; ao final as pontas se dividem em dois grupos, que são trançadas formando duas alças, formando um manto para torção.

Em outros povos indígenas e comunidades tradicionais, o tapiti é chamado de tipiti, porém em maior parte é feito em formato cilíndrico, com outros materiais, mas com a mesma função. Esta é uma das peças das quais se pode notar que estão passando por um processo de desuso dentro das comunidades que produzem alimentos, derivados da mandioca, vindo a se tornar um objeto desconhecido pela maioria dos jovens, o que se pode observar é que vem sendo substituída por pano industrial.

Figura 31 - Cacique João tecendo tapiti, Aldeia Sumaré 3



Fonte: Acervo pessoal

Uru

O uru é uma peça das mais tradicionais dentro do Território Xakriabá. A sua confecção de trançado simples é feita a partir dos galhos de palmeira, sendo o coquinho azedo o de maior uso para a confecção. Sua confecção é feita entrelaçando as folhas uma a uma (quadrangular), e com fundo fechado com trança única que percorre toda a extensão do fundo da peça. É uma peça feita para momentos de necessidade, quando a coleta de frutos na mata se ocasiona, e sua confecção demanda em média 20 a 30 minutos. Sua durabilidade é curta, quando comparada a outras peças, atendendo apenas o momento do uso.

O uru é uma das peças das práticas da cultura do fazer que tem maior número de pessoas que produzem, sendo um objeto que, apesar das mudanças dos seus usos e a aquisição de novos materiais que o substituem, permanece vivo nas práticas e na memória de grande parte das pessoas, bem como se faz presente nas práticas escolares e decorativas, em momentos de reuniões, festivos e cerimônias de formatura.

Figura 32 - Uru feito com palha de coquinho azedo



Fonte: Acervo pessoal

Das conversas com o Pajé Deda Xakriabá, quando perguntado sobre a possibilidade de repassar informações sobre os saberes relacionados à cestaria, que ele poderia fornecer por ser uma das pessoas de referência da educação escolar Xakriabá, ele responde dizendo que estaria disposto e que seria bom, mas a ideia seria fazer circular as informações para que sejam divulgadas, principalmente nas escolas que carecem de material específico, para que as informações não fiquem retidas somente a um momento de necessidade para um trabalho acadêmico.

Durante as conversas, ele relata que aprendeu por meio da observação proporcionada pela tia que fazia peneira, e foi quem despertou seu interesse em aprender a fazer. Diante disso, é preciso pensar que o meio em que estamos inseridos é um fator que favorece o desenvolvimento artístico em produzir a cestaria, pensar que é um processo que está ligado a outros, denota um campo bem maior de observações para possíveis entendimentos que passa pela contextualização da realidade de cada momento e conhecer as diversas formas de aprendizado.

Em outro trecho da conversa, Deda Xakriabá relata que, depois de ter aprendido a fazer a peneira com a tia, trocou uma peneira por um balaio com a ela, para poder fazer outro, através da observação. Entre outras coisas, destaca a questão econômica, que pode ser um fator que

pode subsidiar o sustento dentro das aldeias, onde uma das prioridades do povo Xakriabá é manter os jovens vivendo no Território, sem a necessidade de deslocar para o trabalho fora das aldeias.

Figura 33- Pajé Deda Xakriabá tecendo chapéu



Fonte: Acevo pessoal

A experiência com a participação em oficinas com outros artistas me inspiraram a fazer algumas oficinas na aldeia e em outras comunidades com diferentes públicos que se dispuseram a experimentar esses momentos de troca de informações, proporcionadas pela cestaria que, como descrevi anteriormente, é uma prática que passa por um momento de adormecimento, sendo que a maioria das pessoas que a faziam já não as fazem, ou fazem com menor frequência. Em sua maioria, as pessoas que interessam em aprender a arte da cestaria, como eu, são ligados à escola, o que reforça o compromisso que se tem relacionado à pesquisa e aos processos de formação dentro e fora do Território. O que se pode observar é que o tempo de aprendizagem resumido a um ou dois dias é insuficiente, mas por se tratar de parte de um processo é válido ao pensar na realidade presente. Afinal, nem todos que participam das oficinas tendem a seguir os processos contínuos de aprendizagem.

Figura 34- Oficina. Aldeia Barreiro Preto



Fonte: Acervo pessoal

Figura 35- Oficina. Aldeia Barreiro Preto



Fonte: Acervo pessoal

As imagens 34 e 35, foram capturadas na Aldeia Barreiro, durante oficina realizada com pessoas que tinham interesse em apreender a fazer peneira, e que já trabalham com arte em outros seguimentos, como por exemplo, cerâmica, colares e pulseiras e madeira. Devido a ausência de pessoas que trabalhavam com cestaria dentro da aldeia, fui solicitado para realizar um momento de prática e troca de ideias na casa de uma das pessoas. A oficina teve duração de aproximadamente 10 horas, com 4 pessoas, com uso da cana brava como material para realizar a oficina, por ser encontrada em grande quantidade na aldeia onde foi realizada. Durante a oficina foram seguidas as etapas de preparo do material (corte e retirada das talas), seguida da trama e finalização da peneira, no decorrer dos trabalhos o grupo constatou que

seria de melhor proveito fazer somente uma peneira, com participação de todos na confecção, motivado pela percepção de tempo, e pela demora nas etapas que precediam a trama e finalização da peneira.

Figura 36- Oficina. Aldeia Sumaré 2



Figura 37- Patrícia Xakriabá, Aldeia Sumaré 2



Fonte: Acervo pessoal

As imagens 35 e 36, foram registradas na aldeia Sumaré 2, na escola Kuiro Pte, durante oficina realizada no ano de 2021, com professores de cultura que atuam na escola, através de um microprojeto do ponto de cultura Loas Xakriabá, que viabilizou a realização de oficinas de artes Xakriabá em cestaria, adornos de osso e madeira e pintura de tecidos, contribuindo com a compra de materiais e alimentos, tendo duração de 2 dias, com participação de 10 pessoas. A oficina teve como objetivo a confecção de balaios para possível repasse das técnicas aos alunos/as da escola.

6-ALGUMAS CONCLUSÕES

Durante os processos de luta, a qual o povo Xakriabá vivenciou e vive na contemporaneidade, questões como resgate cultural e identitário têm sido pautados em todos os meios de socialização, e a escola tem sido o principal meio de disseminação e fortalecimento da cultura tradicional. Entende-se que a cultura e sua manutenção é o que nos garante o direito à diferença. Procurei apontar possíveis caminhos para o ensino de Arte, tendo como referência as minhas próprias experiências, me dispus a relatar parte das minhas trajetórias, tanto na formação escolar realizada fora do contexto social do Território, quanto no âmbito da educação escolar indígena Xakriabá.

As formas de aprender a fazer cestaria que não foram construídas ao modo tradicional relatadas, mas que se fizeram necessários diante das possibilidades do momento, juntamente com a colaboração das diversas pessoas as quais têm contato diariamente, são caminhos para se pensar o ensino/aprendizagem que considere a diversidade que se faz presente na contemporaneidade, tanto no sentido do uso de ferramentas às quais se tem acesso, quanto nos desdobramentos que a dinâmica da vida tem revelado, e que se tornam desafios que precisam estar em pauta.

A educação escolar Xakriabá tem tido avanços que podemos dizer que são importantes, por serem resultantes da luta de muitos e diversos povos indígenas, das Lideranças e Caciques que estão na linha de frente e, em muitos casos, colocam suas vidas em risco pela causa, mas a efetivação das leis que asseguram a Educação Escolar Indígena ainda não acontece em sua plenitude, e necessitam de um constante discursão.

A formação de professores desde o magistério indígena até os cursos de graduação tem se consolidado e fortalecido a educação escolar, contribuindo para a desenvolvimento das práticas docentes que atendem as necessidades e anseios na formação de alunos, por meio das pesquisas desenvolvidas dentro do Território.

A elaboração de material didático específico tem importante papel, também para dar suporte aos novos professores que ingressam na escola e contribuem para construir pontes entre os conhecimentos específicos das comunidades e conhecimentos da escola não indígena, de forma que dialoguem sem sobreposições.

Os trajetos dentro e fora do Território são descritos para contextualizar os processos de aprendizagem que fazem parte de algo que estava resguardado dentro de mim, a memória e o sentido que as práticas artísticas da cestaria e o trabalho realizado nas escolas Xakriabá me

proporcionaram o seu acesso, possibilitando um trocar de lentes para o despertar de novas experiências.

A escolarização de processos ensino/aprendizagem tradicionais se faz necessária, a partir da constatação de que, em vários aspectos, o modelo de escola não indígena pode contribuir com o processo de enfraquecimento e consequente apagamento da cultura de um povo, como ocorrido em outros tempos. Os modos de viver e estar dentro do Território sofrem mudanças constantes, que fazem parte do curso da vida, mas a aquisição de novas tecnologias pode nos forjar a um pensamento voltado ao mercado, que sabemos não ser um caminho que se pretende seguir, revitalizar as tecnologias ancestrais seria uma das formas de fortalecer a essência do pensamento coletivo que conduz a vida no Território.

A palavra resgate faz parte do nosso vocabulário por razões óbvias, revela uma consciência coletiva da realidade na qual estamos inseridos e que se pretende redirecionar para o caminho da valorização cultural, atendendo aos anseios das comunidades.

As artes indígenas, que têm ocupado alguns espaços importantes no cenário nacional, são uma das ferramentas de luta que se posiciona perante o sistema colonialista que se nega a reconhecer a diferença, as conquistas e os avanços que chegaram a custo de muitas lutas. As contribuições que a arte tem e pode proporcionar vão além, e não são vistas em nenhum momento fora da conjuntura social e política dos povos indígenas.

A cestaria Xakriabá, que tem suas particularidades, se relaciona diretamente com os modos de vida presente e de outros tempos, assim como a do seu entorno, é também um dispositivo que possibilita acessar histórias e memórias, bem como compreender o atual momento em que vivemos e qual papel se pode assumir enquanto indivíduo parte de um coletivo.

Durante a pesquisa, as diversas nomenclaturas atribuídas à prática da cestaria, bem como a discursão entre “ser ou não ser” arte, aparecem de variados formas: artefato, utilitários, artesanato, arte. Neste trabalho o uso do termo arte da cestaria se fez presente por entender que o uso da palavra é atribuída pelas experiências de cada indivíduo durante sua jornada, podendo contribuir para a valorização de uma prática ancestral dentro e fora do Território. Mas fazer uso do termo não significa, neste caso, a busca por uma validação do sistema da arte, nem tão pouco estabelecer critérios a uma prática coletiva, pode ser entendida como forma de se posicionar perante os equívocos que se pode cometer ao categorizá-la como inferior. Em muitos casos, seria de pouca relevância para a comunidade o termo que se usa, o que não impede abordagem da temática. Muitos questionamentos sobre termos impostos têm sido debatidos e

reformulados, principalmente pelos movimentos indígenas, algo que demonstra uma dinâmica de autodeterminação, para estabelecer possíveis diálogos que respeitem a história de luta, bem como os processos históricos de violação de direitos.

A partir das experiências descritas nesta dissertação, percebe-se que os modos tradicionais de aprendizagem têm como principais características a observação e a prática, favorecidos pelo contexto do qual se faz parte, mas as formas de aprendizagem que são diversas, faz saber que cada indivíduo tem formas de agir, pensar e leitura de mundo que podem vir ao encontro do coletivo ou não. As metodologias empregadas para o ensino nas escolas, são condicionadas ao tempo de aula e acabam se tornando processos de difícil avaliação, por não se adequarem ao dinamismo que a escola propõe, necessitando evidenciar a sua pluralidade.

Potencializar os saberes que circundam dentro e fora do ambiente escolar, proporcionando uma interação que valorize os diversos conhecimentos, é um caminho que vem sendo trabalhado nas escolas Xakriabá, desde o seu calendário socioambiental à participação nas questões de relevância das comunidades, e tem feito com que a escola seja uma entidade que não pretende delegar o direito de fazer da forma que se pensa a educação escolar ao estado, de forma a não eximi-lo do cumprimento dos seus deveres.

7-REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eulico de Souza. **Modo de fazer e usar a zabumba Xakriabá**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Habilitação em Matemática.

Ana Mae Barbosa. Disciplina D16- Conteúdos e Didáticas em artes- **Entrevista com Ana Mae Barbosa.** Disponível em: https://youtu.be/lcSg2xdLzuI?si=fkquFzLJhBq7QDhF

CORREA, Célia Nunes (Célia Xakriabá). **O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá**: reativação da memória por uma educação territorializada. 2018. 218fl. Dissertação (Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília.

CORRÊA, Edgar Nunes (Edgar Kanaykõ Xakriabá**). Etnovisão**: O olhar Indígena que atravessa a lente. 2019. 130f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte- MG, 2019.

CRUZ, Fernanda Gonçalves de Oliveira da. **A proposta do método indutivo intercultural e do calendário sociocultural nas escolas Xakriabá**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades.

Barro preto e luto no Território Xakriabá. Disponível em: https://youtube.com/@lapalaboratoriodepraticasa1376?si=gi4y3_xOkhz0Jk7X

FRANCO, Marcelo Correa. 2017. **Artesanato Xakriabá**: osso, madeira e semente / Marcelo Correa Franco. -1ª. Ed.- Belo Horizonte: Fino traço, 39 p.

JESUS, Naine Terena de. **Arte Indígena no Brasil** (livro eletrônico): Midiatização, apagamentos e ritos de passagem/ Naine Terena de Jesus.

LEITE, Nei. 2017. **Manual de Cerâmica Xakriabá**. - 1. ed. - Belo Horizonte: Fino Traço, 60p.

MIRANDA, Silvia Maria. **Narrativas do Povo Xakriabá no Programa Saberes Indígenas na Escola:** Vivencias e práticas. 2022. 117 f. Dissertação apresentada ao Programa de ´Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Minas Gerais. Belo Horizonte- MG, 2022.

OLIVEIRA, Neuza Rodrigues da Silva. **Roupas de palha tradicionais Xakriabá**. 2018. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

PIO CORRÊA, M. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Vol. 1. Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1926. 322p.

Povo Xakriabá, **O Tempo Passa a História fica**; volume 2 1ed. Fino Traço. Belo Horizonte, 2020.

SILVA, Vanginei Leite. **Arte indígena Xakriabá**: Com um pé na aldeia e outro no mundo. 2022. 374fl. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte – MG, 2022

TAUKANE, Isabel Teresa Cristina. **Kurâ Iwenu (a nossa pintura):** performance e resistência na pintura corporal Kurâ-Bakairi. Tese 2019. 196 f. Tese(doutorado) Universidade Federal de Mato Grosso. Faculdade de Comunicação e Artes.